

Extravasámos os limites do Planeta como sistema vivo e interconectado. Pensar a Psicanálise e a Acção Climática através de Donna M. Orange

Cátia Castro

Resumo

O presente artigo pretende dar a conhecer a reflexão de Donna M. Orange acerca da posição e contributo que a psicanálise pode ter sobre o pensar da acção humana nas alterações climáticas, acção humana esta que parece estar paralisada.

No seu livro “Climate Crisis, Psychoanalysis, and Radical Ethics”, Donna M. Orange parte de várias questões e avança com algumas respostas de elevada complexidade intelectual, envolvendo temáticas como a ética, a justiça social, o racismo, economia e política; e também sobre conceitos psicanalíticos essenciais como: a empatia, vulnerabilidade, vergonha e inveja, narcisismo, negação, dissociação; oferecendo-nos um novo conceito, o de “*mente-dupla*”.

Donna M. Orange provoca-nos para a acção com a necessidade de maior envolvimento por parte dos psicanalistas, nos problemas que estão no espaço externo dos seus consultórios, podendo a psicanálise ser um importante contributo para a mitigação da crise climática, que nos toca a todos sem excepção, procurando uma abordagem em toda a linha cada vez mais humana, ética, social e global.

Palavras-chave: Donna M. Orange; Crise Climática; Mente Dupla; Ética Radical; Psicanálise; Empatia; Vulnerabilidade.

Abstract

This article intends to present Donna M. Orange’s reflection on the position and contribution that psychoanalysis can have on the thinking of human action in climate change, which human action seems somehow to be paralyzed.

In her book “Climate Crisis, Psychoanalysis, and Radical Ethics”, Donna M. Orange starts from several questions and gives us some insightful answers, with intellectual complexity involving themes such as ethics, social justice, economics and politics; and also about essential psychoanalytic concepts, such as: empathy, vulnerability, shame and envy, narcissism, denial, dissociation; offering us a new concept of “*double-mindedness*”.

Donna M. Orange provokes us into action, with the need for more involvement on the behalf of psychoanalysts, facing the problems that are in their office's external space. Psychoanalysis can be an important contribution to the mitigation of the climate crisis, which affects us all without exception, looking for an increasingly human, ethical, social and global approach.

Keywords: Climate Crisis; Donna Orange; Double Mindeness; Radical Ethics; Psychoanalysis; Emphaty; Vulnerability; Empathy.

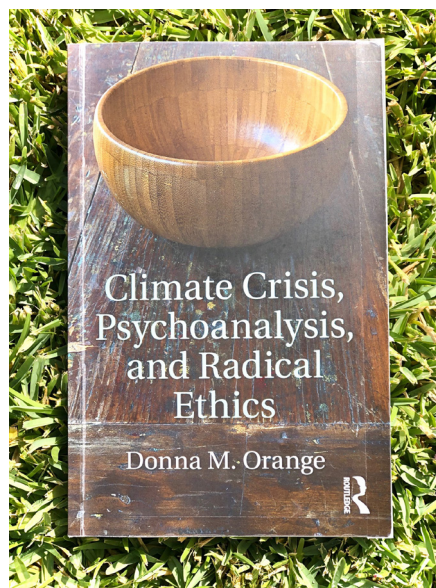


Figura 1 - Livro "Orange, D. M. (2017). *Climate Crisis, Psychoanalysis, and Radical Ehtics*. Routledge."

No outro dia, estava a ver a bonita e resplandecente geometria das gotas de água da rega, a regar os espaços verdes, água esta que também alimenta os animais que estão ao meu cuidado. Água, este bem precioso, que nos traz vida a todos e de uma importância inestimável. Ao contemplar a beleza desta irrigação de vitalidade, uma preocupação assolou-me... e se a água escassear? Tenho de poupar água, senão os animais estarão em risco, estes espaços verdes ficarão pálidos. Nesse momento, alguém me interrompe os pensamentos e comenta *"este mês foi dos mais quentes que há registo, isto está cada vez pior, estas alterações climáticas, o tempo tem cada vez mais fenómenos extremos, toda a gente fala disto mas é difícil de fazer alguma coisa que possa prevenir o que aí pode vir, e com a seca que tem havido esta água do furo pode-se esgotar..."*

"Prevenir o que aí pode vir" lembrei-me da tragédia dos fogos de Pedrogão Grande, e deste momento único das nossas vidas, a Covid-19, o vírus que nos assolou a todos

repentinamente e, então pensei no que tem vindo a ser a reflexão acerca da nossa atitude humana perante as mudanças climáticas. Estas situações graves e globais, poderão ser um ponto de partida e de convergência em relação à forma como abordamos os problemas, que nos tocam a todos, como humanidade.

Para me ajudar a obter respostas, pesquisei na corrente da psicanálise relacional que me seria confortável de pensar, deparei-me com Donna M. Orange e o seu livro “Climate Crisis, Psychoanalysis, and Radical Ethics”. Esta psicanalista, dá-nos pontos cardeais para reflectirmos, para iniciarmos debates, e tomarmos contacto com a nossa própria vulnerabilidade, na humanidade e justiça social na relação com o outro. E que entusiasmante debate pode ser este, o de pensar a crise climática na relação com o outro.

D. Orange no seu livro, começa por falar da sua experiência na tragédia do 11 de Setembro (de 2001) em Nova York, quando se voluntariou para o atendimento da linha da Cruz Vermelha, onde a população podia ligar para saber se os seus entes queridos estavam a salvo ou se estavam entre os que padeceram nesse atentado. Nestas chamadas, D. Orange a maioria das vezes limitava-se a ouvir as pessoas, no que elas tinham para dizer, fosse o que fosse, perguntando a estas se estavam sozinhas ou com outros membros da família, que lhes pudessem dar suporte, e encaminhava-as para atendimentos de serviços que lhe fossem pertinentes, nomeadamente cuidados de saúde mental (Orange, 2017).

D. Orange descreve uma situação muito difícil para todos, onde o que havia a fazer era o luto. Era tão difícil, quase insuportável, o choque inicial e o medo transformou-se em algo que D. Orange ainda não consegue descrever, mas é um sentimento partilhado por muitos outros. Mesmo que a cidade retorne ao seu som de normalidade, esta experiência tornou-se difícil e pior. O sentido emergente em todo o desastre, é descrito por D. Orange como a vida que se sente mais como morte, sendo ainda difícil de pensar filosoficamente e politicamente sobre o assunto. Quando ainda não se consegue bem descrever por palavras, recorrer ao figurativo assume-se como ponto de expressão, um mediador representativo, como o quadro de “Guernica” de Picasso, que é evocado por D. Orange para ilustrar visualmente, e o “Requiem Alemão” de Brahms o som, desta tragédia (Orange, 2017). Ficará também para mais tarde, quando estivermos mais distantes temporalmente, todo este processamento interno das vivências em torno da Covid – 19.

Dinâmica e activa, a psicanálise envolve-se com as problemáticas difíceis da vida, contudo, tem sido em contraste, lenta na abordagem em relação às mudanças climáticas. Pode a psicanálise ficar indiferente às mais recentes descobertas científicas, sobre os prováveis efeitos das mudanças climáticas? Apesar da tendência generalizada de evitar os avisos, os novos tempos de crise convocam os psicoterapeutas a emergir das suas confortáveis salas de consultório e olharem para o exterior das suas janelas (Orange, 2017).

Diariamente envolvidos com o sofrimento humano, nós psicoterapeutas enfrentamos as crises indissociáveis do aquecimento global e das grandes injustiças sociais. Depois de considerar as causas históricas e emocionais da inconsciência climática e do consumismo compulsivo, D. Orange argumenta que apenas uma ética radical da responsabilidade de ser o “guardador do meu outro” se pode despertar para a mudança climática, fazendo com que os psicanalistas assumam activamente responsabilidades, como a exigência de legislação adequada, optar por comportamentos diários que reduzam a poluição, cuidando da Terra e de seus habitantes como um todo (Orange, 2009; 2011).

A psicanálise, desde cedo que tem incluído no centro do seu trabalho, as pessoas pobres, marginalizadas e devastadas. Nos finais da I Guerra Mundial, Freud propôs e criou clínicas cujo tratamento, supervisão e análise didáctica eram gratuitas. Estas clínicas designavam-se pelo termo germânico “Ambulatorium”, que deriva do latim “*ambulare*” que significa andar, passear, e de facto gentes de todas as classes sociais sem distinção de doenças, passeavam de um lado para o outro nos corredores destas clínicas, que foram criadas em algumas capitais, sendo a primeira na 18 Pelikangasse em Viena. Estes psicanalistas dividiam o seu trabalho entre os seus consultórios privados e o “Ambulatorium”, sendo a missão destas clínicas o tratamento de pessoas independentemente da sua capacidade de pagamento, com a mesma qualidade de serviços de saúde mental. Estes psicanalistas eram assim, na sua essência, verdadeiros funcionários da sociedade. (Danto, 2005)

Ferenczi trabalhava com pessoas excluídas da sociedade mesmo antes de conhecer Freud, Fairbairn trabalhava com os sobreviventes da Grande Guerra, Winnicott trabalhava com delinquentes, e Kohut que incluiu na sua teoria os considerados não analisáveis. Hoje em dia, há mais psicanalistas a estudar os impactos psicológicos e os efeitos socioculturais de temas como, as desigualdades extremas sociais e raciais, a imigração, os efeitos do colonialismo, a vergonha das classes e a crise climática (Orange, 2017).

A viragem ética feita com a profunda atitude relacional intersubjectiva descrita como dialógica, é concordante com os valores da psicanálise do self, tais como: a rejeição de noções reducionistas e mecânicas restaurando uma voz humanitária, protestando sobre o tratamento de seres humanos como espécies e diagnósticos; a interdependência da condição humana básica, vendo a emergência do self no mundo humano; a tentativa de permanecer próxima da experiência na sua teorização e prática; o cuidado legítimo, a compaixão, até sensibilidade na psicoterapia e psicanálise; a tomada de consciência das várias formas de vergonha e degradação e colocar a restauração da dignidade humana no centro do projecto terapêutico (Orange 2009, 2011, 2016).

Ligado ao tema ético da condição humana, Orange faz uma reflexão teórica da empatia, e do complexo de superioridade. Heinz Kohut era a favor da definição de empatia como o nosso único ponto de entrada na vida psíquica daqueles que

procuramos servir. A empatia como modo de conhecimento, que definiu o método psicológico da cura que designamos em psicanálise. Fazendo a responsabilidade parte da empatia, estando perante a quebra de limites no sofrimento do outro através das inúmeras injustiças sociais, na constante quebra dos limites do nosso planeta com o consumo excessivo. Podemos ficar indiferentes? (Orange, 2017).

O historiador Thomas Kohut, filho do psicanalista Heinz Kohut, explica-nos que na resposta empática à situação de perigo e sofrimento do outro, esta torna-se quase impossível sob um ponto de vista de superioridade. Esta percepção inconsciente de superioridade é sugerida por Thomas Kohut, como uma aprendizagem desde a infância de que o sujeito pertence a um grupo superior, exemplo que se viu na Alemanha na sua ideologia Nazi prévia e durante a II Guerra Mundial.

O complexo de superioridade, que nos remete para o complexo de inferioridade e da baixa auto-estima, é demonstrado no pressuposto de que possuímos terra roubada dos povos que anteriormente os habitavam, a percepção de que a Terra nos pertence, maioritariamente aos “brancos” e que os outros existem para servir os nossos interesses económicos, para retirar minerais quando queremos ou precisamos, que nos façam roupas mais baratas, que trabalhem com salários no limiar da pobreza, entre tantas outras situações. Este complexo, largamente inconsciente e invisível, forma uma teia de vida, gerando conforto entre aqueles que carregam e criam morte e fúria naqueles que dominamos (Orange, 2017).

D. Orange propõe que, nós não sabemos que sofremos deste complexo de superioridade, na nossa humanidade fundamental, propõe também que façamos o luto dos nossos valores internalizados, ao conhecermos a cultura e contributo dos povos e raças mais desfavorecidos, enriquecendo-nos, permitindo-nos ser ensinados, expandindo a nossa capacidade para nos preocuparmos com o outro e, assim, expandir a nossa capacidade de tomar os desafios da justiça climática (Orange, 2017).

Os psicanalistas podem ou continuar no seu trabalho, com os olhos e ouvidos silenciosos, permanecendo parte do problema, ou podemos usar todos os recursos da nossa profissão para fazer parte da solução. Alguns psicanalista têm desenvolvido trabalho nesta área da acção climática, maioritariamente Kleinianos e Bionianos, lembrando-nos de tons inequívocos da destruição humana, concentrando-se nas muitas formas de negação e de clivagem, explicando o porquê das pessoas, que geralmente têm dificuldade em perceber a mudança climática, mesmo quando estão a ser afectadas por ela, ou se se deixam afectar e o porquê de permanecerem imobilizados (Orange, 2017).

Winnicott acreditava na capacidade da preocupação com o outro, envolvido numa situação suficientemente boa do desenvolvimento. Sobre a preocupação, Winnicott escreveu que “se refere ao facto de que o individuo se preocupa, ou quer saber, em simultâneo que aceita a responsabilidade (Winnicott, 1965).

O psicanalista Joseph Dodds fala-nos de uma complexidade de recursos na teoria psicanalítica neo-kleiniana, através dos ataques de ligação (Bion, 1959), permitindo-nos manter a mudança climática ao nível pré-consciente, desvinculado de qualquer uso da responsabilidade, não integrado, o que Christopher Bollas (Bollas, 1987) denominaria de conhecimento não pensado (Orange, 2017).

Quando falamos em estar em negação, falamos de várias realidades desagradáveis, como a nossa morte inevitável, os comportamentos de risco para a nossa saúde e mais recentemente das catástrofes das mudanças climáticas. A psicanálise, nas suas variadas teorias tem nos ensinado pontos de vista diversificados, como o modo como nos escondemos daquilo que não queremos saber - Paul Hoggett, numa concepção da defesa perverso social; ou diferentes formas de negação como a literal, interpretativa e implicatória de Stanley Cohen (Weintrobe, 2012), todas estas três formas operam para prevenir uma implicação na crise climática, mesmo que façamos interpretações daquilo que sabemos, e o que devemos fazer, caso não o façamos iremos sofrer consequências negativas inimagináveis, mas tudo isto afigura-nos mais difícil de pensar (Orange, 2017).

D. Orange propõe-nos algo muito mais do que a mera negação, o conceito de “mente dupla” (*double-mindedness*), em que vivemos em duas realidades ao mesmo tempo. Sabemos sobre os efeitos da crise climática, contudo num gesto mental dizemos: isto é demasiado grande para mim ou para qualquer indivíduo. Apenas as mudanças sistemáticas importam, então, continuamos a trabalhar com os nossos pacientes na nossa psicanálise, tão humanamente possível, como sabemos trabalhar, enquanto a nossa casa comum se torna um mundo em chamas. Ou seja, temos conhecimento do problema, mas continuamos como se nada fosse (Orange 2017).

Essencialmente, nós, como Freud na década de 1930 e como milhares de Alemães no período estudado por Thomas Kohut e outros, desligámos o nosso “alarme de incêndio”. Para conseguir isto, ensinamo-nos a não ver os mais fragilizados como seres humanos como nós, como outros em que o seu sofrimento é importante. A vasta literatura, que estudou sobre este fenómeno, mostra-nos vários tipos de dissociação e recalçamento. Freud cresceu intelectualmente e estava ligado ao Iluminismo e à cultura Romântica Europeia, que consagrava a autonomia individual como objectivo último. Nós psicanalistas herdámos esta premissa, em conjunto com uma certa cegueira ao “bem comum”, uma noção estóica e medieval que se foi perdendo no período moderno do Iluminismo (T. Kohut, 2003; Kuriloff, 2014).

Precisaremos de uma análise contextual e de uma ética radical, para acordarmos da nossa apatia? O que é que faz com que haja uma evasão dissociativa, da importância e magnitude da crise climática? (Orange, 2017).

D. Orange sugere-nos que o egoísmo generalizado da cultura ocidental, na era Industrial, nos bloqueou de pensar nos mais desfavorecidos, os fantasmas inconscientes do racismo e dos outrora escravos. Mais ainda, o considerarmos que

estamos fora do alcance da nossa própria vulnerabilidade, partilhada com todas as criaturas mortais, e como constatamos agora, com o planeta Terra como um sistema vivo e interconectado. A nossa cultura contrafóbica, masculinizada, dominante e dominadora tem-se servido da ciência, da tecnologia, e em especial dos avanços da medicina, para esconder esta realidade de nós mesmos. Os psicanalistas na linha Kleiniana dizem-nos que estamos divididos entre os instintos da vida e os instintos da morte, cuidadosamente disfarçados de nós próprios. Todavia, dispomos de recursos culturais, conhecidos pelos psicanalistas, que nos ajudam a compreender a nossa vulnerabilidade, para que possamos responder e não simplesmente reagir (Orange, 2017).

A vulnerabilidade, toma várias formas para além da morte, suscetíveis à doença, aos ferimentos, podemos por exemplo escolher desportos radicais ou recorrer a cuidados para colmatar a extrema insegurança. Qualquer que seja a vulnerabilidade que vimos nos nossos pais, esse pode ser o nosso maior medo, contra aquele que nos determinamos a proteger. Como Farbairn referiu, nós psicoterapeutas dedicamos o nosso trabalho a trazer as pessoas para fora destes assustadores mundos privados, para uma conexão relacional com o outro. Mas mesmo assim o nosso medo da vulnerabilidade é mais profundo, enraizado nas várias formas de vergonha (Orange, 2017).

D. Orange considera a vergonha, e nas suas costas a inveja, ambas para desvendar a sua função ao gerar a crise climática, para vermos como age tão perigosamente em nos manter como espectadores. Uma das definições de vergonha, é um efeito que é reflexo do sentido de falha ou déficite do self, em oposição da culpa sobre os nossos actos, dos quais devemos ressarcir (Orange 2017).

A vergonha no sistema psicanalítico, segundo D. Orange, não pertence nem ao paciente nem ao analista, é intersubjectivamente gerado, mantido, exacerbado, mitigado dentro do sistema relacional. Outros sim, a vergonha emerge subjectivamente, quando escondemos a nossa vulnerabilidade e inadequação face às alterações climáticas. Por um sistema intersubjectivo, esta refere-se a “qualquer campo psicológico formado por mundos interactivos da experiência em qualquer nível de desenvolvimento que estes possam ser organizados” (Stolorow & Atwood, 1992). Num sistema intersubjectivo de vergonha, sentimos que somos falhados nos nossos e nos olhos dos outros, sentimo-nos tão contidos ao escrutínio crítico no nosso desespero, que queremos ficar invisíveis. Para muitos de nós, solidariedade significa vulnerabilidade ao sofrimento dos outros, sofrimento que causamos, na mudança climática e na exploração económica. Talvez necessitemos de reconsiderar a profunda destrutividade da vergonha e a nossa necessidade central dela. A qualidade da vergonha sugere a sua origem na família, onde o mundo experimental foi organizado no sentido do eu, percebido como não servindo para nada, sem valor e egoísta (Orange, 2017).

Á semelhança a vergonha climática paralisa, todas as vezes que eu guio o meu automóvel e não escolho o transporte público por exemplo, eu assumo a dívida do

carbono do mundo desenvolvido, e posso ficar impedida de pensar criativamente sobre onde eu ou nós juntos, podemos fazer a diferença (Orange, 2017).

D. Orange refere que há um elo de ligação entre a vergonha generalizada e a situação onde nos encontramos, que é a inveja. A inveja é um factor crucial no consumismo desenfreado e exagerado, tão central na crise climática. Tem sido uma emoção negligenciada na psicanálise contemporânea, talvez devido ao seu destaque na inveja do pénis em Freud (Freud & Riviere, 1922), atribuído a todas as mulheres, e no destaque na manifestação da agressão em Klein (Klein, 1957), (Orange, 2017).

Para os que abandonaram a teoria dos instintos e consideraram a relação como fundamento da vida humana no geral, e na psicoterapia em particular, D. Orange alerta que a inveja não tem sido um assunto estudado. Somos ciumentos em relação ao outro e invejosos em relação à posse e ao status. Acontece que a inveja não é o mero querer mais, é querer mais do que o outro (Goldie, 2000, p.221). O que eu invejo, em alguma extensão, é reflexo daquilo que eu valorizo, ou seja, o que eu invejo diz-nos um pouco daquilo que sou. A inveja difere em algumas culturas, algumas optam por não mostrar muito aquilo que são ou têm, noutras desde crianças que querem ser celebridades. Não sendo um instinto Kleiniano, mas sim um potencial humano pronto para atacar em todo lado, ameaça os incautos. Prepara-nos para “agarrar... todo os nutrientes, ar e sol” (Levinas, 1990, P.100), tornando usurpadores e assassinos. (Orange, 2017)

D. Orange questiona o porquê da a inveja ter desaparecido no discurso psicanalítico. Em vez de estarmos atentos a ela, trabalhamos cada vez mais e mais horas, consumindo, para estarmos sempre em pé de igualdade. Guiamos automóveis de luxo ou vivemos em casas grandes, onde perto vivem pessoas em situação de pobreza. Os nossos mitos culturais dizem-nos que se toda a gente trabalhar arduamente como nós, poderá ter o que nós temos, convencendo-nos que somos alguém porque merecemos, e os outros são ninguém porque assim o merecem, e ficamos em choque quando a violência entra nos nossos espaços cosmopolitas e financeiros (Orange, 2017).

Será que desenvolvemos defesas culturais massivas para que não reconhecamos a inveja? D. Orange considera que sim, à semelhança dos nossos mitos culturais, a mesma forma de pensar esconde-nos das consequências da nossa pegada ecológica e das injustiças sociais. Em vez de uma cultura de vergonha e inveja, que requer que tenhamos algum recato, Oberlin College (Fuller, 2003) denomina a cultura do ranking, em que evitamos a vergonha ao constantemente medirmos o nosso ranking, e fazendo tudo em nosso poder para aumentá-lo. A inveja, como os psicanalistas Morrison e Lansky (Morrison & Lansky, 2008) refere, alimenta-se da comparação. Para ser alguém num sistema assim, eu tenho de fazer do outro um ninguém, tendo mais e melhores casas, guiando automóveis mais caros e luxuosos. O ranking da inveja leva ao consumismo compulsivo (Orange, 2017).

Mas se a inveja faz parte da nossa natureza humana, talvez desenvolvida pela selecção natural, podemos transformá-la? Pode o trabalho terapêutico mudar as suas formas maliciosas ou canalizar as suas energias ao que Freud diria de sublimação? D. Orange refere que a inveja é um processo relacional, que surge num campo específico, intersubjectivo ou sistema, como um sobreproduto da vergonha, vergonha essa que já está configurada intersubjectivamente nos mundos da humilhação, de privação e ou desprezo (Orange, 2017).

A inveja manifesta a vergonha, eu invejo o outro precisamente porque eu sinto-me degradado e inadequado, talvez se eu sentisse que pertencia inteiramente à comunidade humana, não estaria tão interessado naquilo que o outro tem. Muito menos sentiria prazer na dor do outro, caso estivesse satisfeito com aquilo que sou e tenho. Sandor Ferenczi (Ferenczi, 2006) e Frieda Fromm-Reichmann (Fromm-Reichmann, 1950) foram pioneiros a pensarem que seremos menos invejosos, e menos envergonhados, com pessoas que nos acolhem como um semelhante humano, num espírito de mutuo respeito. Logo, quando os pacientes falam da sua inveja sobre relações, reconhecimento e coisas, e até a boa saúde do outro, escutamos o que eles implicitamente estarão a dizer sobre as suas próprias inadaptações. O que poderá ser ódio pelo outro, poderá ser vergonha dele próprio (Orange, 2017).

A vergonha climática, surge em duas formas principais: o medo da vulnerabilidade visível que nos faz permanecer indiferentes à natureza e extensão da crise climática; a inveja contínua daqueles que têm mais, para que aqueles que estão privados nas necessidades essenciais se tornem invisíveis. Lutamos por mais espaço, maiores casas e automóveis, mais coisas, corpos perfeitos que resistem ao crescimento ou à aparência mais idosa (Orange, 2017).

Entrelaçados estes dois aspectos de vergonha, estes autoalimentam-se numa preocupação fechada, distraíndo-nos das descrições e avisos da ciência do clima (Orange, 2017).

D. Orange avança que a vergonha da vulnerabilidade faz-nos permanecer auto-protectores e fechados, colocando em perigo nós humanos, outras espécies e a nossa casa planetária. Sem a experiência fundamental de ser cuidado e amado, falta-nos o sentido emocional de pertença a outros seres humanos, ou um lugar. Tratamos o nosso mundo, e implicitamente nós próprios, como lixo descartável (Orange, 2017).

A inveja, é uma tentativa de restaurar um suposto bem estar, para encobrir o estragado sentido de vergonha com fama, dinheiro e glamour. O sentido de que os outros possuem mais, ofusca a nossa visão ética, cega-nos para o nosso envolvimento na injustiça e derrota-nos no sofrimento daqueles que prejudicamos diariamente. Assim como o tratamento psicanalítico da vergonha se inicia, por restaurar aos maltratados uma sensação de inclusão na comunidade humana, também a sensibilidade psicanalítica, sensível aos efeitos isoladores e corrosivos da vergonha, pode começar a ligar-nos uns aos outros. Podemos começar a compreender que o nosso bem estar, depende do bem estar de outros, e restaurar a velha noção do bem comum (Orange, 2017).

Conclusão

A aparente indiferença à emergência climática resulta frequentemente, de um trauma incapacitante ou que nos paralisa. Tal como os pacientes devastados que tratamos, encontramos-nos completamente dominados pela magnitude da crise climática. Considerámos o papel da vergonha e da inveja, ambas gerando uma cultura consumista, responsáveis pela elevada produção de carbono, afasta-nos de aceitarmos a nossa vulnerabilidade extrema nos “extremamente prováveis” resultados. Então, escondemo-nos nos nossos escritórios, nas nossas casas e comunidade, e esperamos que os tornados, furacões, inundações e fogos sejam noutra sítio qualquer longe de nós. Fingindo invulnerabilidade, envergonhados pelo facto de que estamos em risco e continuamos a colocar os outros em risco (Orange, 2017).

Como psicoterapeutas, contudo, aprendemos a nomear os medos, dando nome à nossa vergonha secreta, e assim a aumentar a solidariedade. Ao pensarmos que estávamos sozinhos, encontramos outros que estão “no mesmo barco”. Gradualmente, até aprendemos que a comum vulnerabilidade enfraquece a vergonha. Se alguém no meu clube tem só uma perna, ou só um ouvido que ouve, podemos falar sobre o que é ser como somos, e falar em conjunto de uma acção comum. “Sair do armário” acerca da vulnerabilidade climática pode-nos unir em soluções comuns (Orange, 2017).

Tal como Erik Erikson questionou há muito tempo: “Poderemos alguma vez afirmar, seja no nosso consultório ou em aplicações de áreas mais amplas, que façamos somente o tratamento dos nossos clientes nos consultórios e clínicas e que racionalmente esclarecemos os nossos alunos e leitores, sem intervirmos, quer admitamos ou não, no processo em que os valores são formados e transmitidos na nossa sociedade?” (Erikson, 1976, p. 410).

A psicanálise contribui na ética com uma vasta experiência como testemunha de traumas e injustiças, experiência essa que nos capacita de algumas formas de liderança em confrontar a emergência climática. Podemos usar o que aprendemos acerca da dissociação, negação, da “mente-dupla” de D. Orange, para redefinir a nossa função testemunhante. Testemunhando o dano do nosso estilo de vida consumista, e a adoração financeira, são-nos infligidos entre nós, e podemos ver que tudo está interligado. Aprendemos com Bion (Bion, 1959) e com Hans Loewald (Loewald, 1960, 1970, 1972, 1979) a compreender as falhas na ligação, como fonte da maioria das problemáticas inconscientes, e a restauração destas ligações como um aspecto crucial na acção terapêutica. Depois de testemunharmos a nossa situação, perguntamo-nos o que podemos fazer? Podemos todos fazer alguma coisa, em qualquer idade, em qualquer situação (Orange, 2017).

“O consultório não existe em isolamento, pois faz inerentemente parte do mundo. Tornar-se mais consciente da conexão entre o consultório e o mundo, não só terá

benefícios clínicos e culturais, como também irá permitir à psicanálise assumir o seu lugar entre as ciências humanas, estudando a corrente da história através dos seres humanos.” (T. Kohut, 2003, p. 236)

Então, o que nós psicoterapeutas podemos fazer? Vejamos algumas propostas:

1. Acriação de um Consórcio de Psicanálise comum, com as várias organizações de diferentes correntes da psicanálise, esbatendo as linhas divisórias herdadas por Freud, juntando-nos a um objectivo comum (Orange, 2017);
2. Nos encontros e conferências onde se participe presencialmente, estes passem a realizarem-se em menor número, de modo a evitar deslocações de meios de transporte poluentes, como por exemplo o avião e o automóvel. (Orange, 2017);
3. À semelhança das “Ambulatorium” criadas por Freud para pessoas com carências económicas, a Psirelacional tem a sua Clínica Social, onde qualquer pessoa se pode inscrever para beneficiar de psicoterapia à medida dos seus rendimentos económicos, contribuindo para uma melhor justiça social;
4. Os seminários, encontros online (*internet meetings*), supervisão, grupos de estudo e cursos que tenham a opção de serem realizados online, como alguns exemplos da IARP e Psirelacional, permite que colegas de várias localizações possam participar, dando uma maior igualdade nas oportunidades, a quem por vários motivos não se pode deslocar aos pontos concentrados de formação e, ainda reduzir a sua pegada ecológica;
5. Ao haver maior igualdade nas oportunidades de formação para quem está distante dos grandes centros, está também a possibilitar que as pessoas possam também beneficiar da psicoterapia psicanalítica relacional, tendo assim psicoterapeutas formados nas suas localidades a quem podem recorrer. À psicanálise relacional cumpre-se assim estar para e ao serviços das pessoas.
6. Quebrar a imagem elitista da psicanálise, optando por uma liderança na criação de um mundo responsável, justo e simples (Orange, 2017);
7. No nosso dia-a-dia, contribuir com graduais mudanças de estilo de vida, mais ambientalmente sustentáveis (Orange, 2017). O psicoterapeuta é também um modelo de identificação.

António Guterres, Secretário Geral da O.N.U., durante a Reunião do Clima de Abu Dhabi em Julho de 2019 apela: “O mundo está a enfrentar uma grave crise climática. A ruptura do clima está a acontecer com todos nós. Estamos numa batalha pelas nossas vidas. Mas é uma batalha que ainda podemos vencer.”

Referências

- Bion, W. R. (1959). Attacks on Linking. *International Journal of Psychoanalysis*, 40, 308-315.
- Bollas, C. (1987). *The shadow of the object: Psychoanalysis of the unthought known*. Free Association Books.
- Danto, E. A. (2005) *Freud's Free Clinics – Psychoanalysis & Social Justice, 1918-1938*. Columbia University Press.
- Dodds, J. (2011). *Psychoanalysis and ecology at the edge of chaos: Complexity theory, Deleuze/Guattari and psychoanalysis for a climate in crisis*. London; New York: Routledge.
- Erikson, E. H. (1976). Psychoanalysis and Ethics – Avowed and Unavowed. *International Review of Psychoanalysis*, 3, 409-419.
- Fairbairn, W. R. D. (1952). *Psychoanalytic studies of the personality*. Tavistock Publications.
- Ferenczi, Sandor. (1955). *Confusion of tongues between adults and the child*. Hogarth Press. (Original work published 1932).
- Freud, S. & Riviere, J. (1922). *Introductory lectures on psycho-analysis: A course of twenty eight lectures delivered at the University of Vienna*. G. Allen & Unwin.
- Fromm-Reichmann, F. (1950). *Principles of intensive psychotherapy*. University of Chicago Press.
- Fuller, R. W. (2003). *Somebodies and nobodies: Overcoming the abuse of rank*. Gabriola Island, New Society Publishers.
- Goldie, P. (2000). *The emotions: A philosophical exploration*. Oxford; Clarendon Press.
- Guterres, A. (2019, Julho) *Reunião do Clima de Abu Dhabi*. [Apresentação de Conferência] Organização das Nações Unidas 2019. Emirados Árabes Unidos.
- Klein, M. (1957). *Envy and gratitude, a study of unconscious sources*. Basic Books.
- Kohut, H. (1971). *The analysis of the self; a systematic approach of the psychoanalytic treatment of narcissistic personality disorders*. International Universities Press.
- Kohut, H. (1977). *The restoration of the self*. International Universities Press.
- Konut, T. (2003). Psychoanalysis as Psychohistory or Why Psychotherapists Cannot Afford to Ignore Culture. *Annual Psychoanalysis*, 31, 225-236.

Kohut, T. A. (2012). *A German generation: An experimental history of the twentieth century*. Yale University Press.

Kuriloff, E. A. (2014). *Contemporary psychoanalysis and the legacy of the Third Reich: History, memory, tradition*. Routledge, Taylor & Francis Group.

Levinas, E. (1990). *Difficult freedom: Essays on Judaísm*. Johns Hopkins University Press.

Loewald, H. W. (1960). On the Therapeutic Action of Psycho-Analysis. *International Journal of Psychoanalysis*, 41, 16-33.

Loewald, H. W. (1970). Psychoanalytic Theory and the Psychoanalytic Process. *The Psychoanalytic Study of the Child*, 25, 45-68.

Loewald, H. W. (1972). The Experience of Time, *The Psychoanalytic Study of the Child*, 27, 401-410.

Loewald, H. W. (1979). reflections on the Psychoanalytic Process and Its Therapeutic Potential. *The Psychoanalytic Study of the Child*, 27, 155-167.

Morrison, A., & Lansky, M. (2008). Shame and Envy. In L. Wurmser & H. Jarass (Eds.), *Jealousy and envy: New views about two powerful feelings* (pp. 179-188). Analytic Press.

Stolorow, R., & Atwood, G. (1992). *Contexts of being: The intersubjective foundations of psychological life*. The Analytic Press.

Orange, D. (2009). *Intersubjective Systems Theory: A Fallibilist's Journey*. In N. VanDerHeide & W. Coburn (Eds.), *Self and systems: Explorations in contemporary self psychology* (pp. 237-248). Blackwell.

Orange, D. M. (2011). *The suffering stranger: Hermeneutics for everyday clinical practice*. Routledge, Taylor & Francis Group.

Orange, D. (2016). *Nourishing the inner life of clinicians and humanitarians: The ethical turn in psychoanalysis*. Routledge.

Orange, D. M. (2017). *Climate Crisis, Psychoanalysis, and Radical Ethics*. Routledge.
Weintrobe, S. (2012). *Engaging with climate change: Psychoanalytic and interdisciplinary perspective*. Routledge.

Winnicott, D. W. (1965). *The maturational processes and the facilitating environment: Studies in the theory of emotional development*. International University Press.